Narrativas e ideologias dos autores que compõem a coluna Crônicas & Outras Histórias do Jornal O Popular (Goiânia): Regularidades e Discrepâncias[1]

Flaviana Alves[2]
Samiha Salahdino Sarhan[3]

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

RESUMO

Segundo Massaud Moisés (1999) a crônica pode ser considerada um relato de acontecimentos de interesse histórico ou como um comentário em jornal ou revista que trabalhe fatos reais ou imaginários. Já Borges (2012) destaca o caráter hibrido desse gênero, que transita entre o jornalismo e a literatura. A partir da análise das 365 crônicas do ano 2013 da seção *Crônicas & Outras Histórias* do jornal *O Popular*, veículo impresso mais conceituado do estado de Goiás, esta pesquisa identificou as regularidades e discrepâncias presentes nas narrativas dos cronistas e as ideologias que permeiam os seus discursos. A análise também ratificou a perspectiva de Foucault (2007) a respeito do discurso, para quem é preciso levar em conta a arqueologia do gênero para entender melhor a sua significação, saber que circunstâncias levaram enunciações a se configurarem como se apresentam.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Crônica; Narrativa; Discurso; *O Popular*.

REGULARIDADES E DISCREPÂNCIAS DA CRÔNICA EM GOIÁS

Introdução

O projeto aqui esquadrinhado parte da seguinte questão-problema: Quais os discursos utilizados nas crônicas do jornal *O Popular* publicadas durante o ano de 2013.

Segundo Massaud Moisés (1999) a crônica pode ser considerada um relato de acontecimentos de interesse histórico ou um comentário em jornal ou revista que trabalhe fatos reais ou imaginários. Com larga tradição na história dos veículos de informação do país, a crônica, considerada um gênero tipicamente brasileiro por Proença Filho (2000) e Cremilda Medina (1988), é um dos formatos mais populares do jornalismo, especialmente no impresso.

O presente artigo revela parte dos resultados de uma pesquisa em torno da crônica empreendida dentro do Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NPC), da Pontifícia

---

[1] Texto que integra parte dos resultados aferidos na pesquisa O Aspecto Jornalístico em Crônicas do jornal O Popular em 2013, realizado no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NPC) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), sob a coordenação e orientação do Prof Dr. Rogério Pereira Borges.

[2] Graduanda do Curso de Jornalismo da PUC-GO e bolsista do CNPQ na pesquisa O Aspecto Jornalístico em Crônicas do jornal O Popular em 2013; e-mail: flaviana.alves.jornalista@gmail.com

[3] Recém-graduada do Curso de Jornalismo da PUC-GO e bolsista do CNPQ na pesquisa O Aspecto Jornalístico em Crônicas do jornal O Popular em 2013; e-mail: samihasarhan@hotmail.com.

Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), realizada entre janeiro de 2014 e julho de 2015. A pesquisa compreendeu em um olhar analítico sobre as 365 crônicas publicadas no jornal *O Popular*, de Goiânia (GO), durante o ano de 2013.

A relação entre crônica e jornalismo apresenta similaridades inegáveis e é por isso que propomos a análise desse gênero. Escolhemos o jornal *O Popular*, pois apresenta espaço específico para esta modalidade discursiva, a coluna *Crônicas & Outras Histórias*. Além de ser um jornal consolidado no estado de Goiás, sua cobertura jornalística tem prestígio e há mais de 75 anos pauta a imprensa goiana e a sociedade do Estado. O informativo em se tratando da publicação de crônicas, traz autores reconhecidos regionalmente em suas edições.

Considerada um gênero hibrido, a crônica mescla elementos do jornalismo e da literatura. "A crônica é híbrida, uma mescla, mistura de fontes e características que não a ancoram no sentido de tolher seus movimentos. A crônica é autônoma para circular entre discursos que parecem díspares; ela é híbrida" (Borges, 2012). No entanto para Vicchiatti, "o uso de elementos da literatura não implica a alteração de características intrínsecas do texto jornalístico" (2005, p. 87). A crônica não é uma matéria jornalística tradicional, porém seu código genético discursivo também não está afastado do jornalismo informativo praticado hoje. Assim sendo, faz-se profundamente relevante analisar as regularidades e discrepâncias presentes no discurso cronístico, dando atenção especial ao perfil narrativo e às ideologias que permeiam os discursos dos cronistas que compõem a seção *Crônicas & Outras Histórias*.

Vale ressaltar que mesmo sendo um gênero mesclado entre literatura e realidade, a crônica não é um gênero que se fixa em um estatuto narrativo sólido e isolado. Pelo contrário, a definição desse gênero não pode ser fechada. Mesmo porque, segundo Melo (2003), a classificação de gêneros jornalísticos está em constante mutação. Ou seja, não há o compromisso com a precisão absoluta dos fatos e há uma maior liberdade de ver os eventos por ângulos mais lúdicos e imaginativos. Com espaço simbólico mais amplo, o cronista pode subverter ordens de enxergar o mundo, as pessoas e seus atos a partir de perspectivas inovadoras e até mais esclarecedoras do que o jornalismo tradicional. Esse projeto objetiva perceber quais são os discursos oriundos desse espaço singular que a crônica ocupa.

Sabendo ser o jornalismo um lugar de produção de sentidos, ao analisar o discurso empregado nas crônicas do jornal *O Popular* em 2013, somos obrigados a analisar também

o contexto de produção de sentidos. Para Márcia Benetti, "o dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve" (2007, p. 109). Esse sistema de significação, formado pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário é composto também pela língua. E a partir da forma como o texto se constrói, no caso da crônica temos um modo diferenciado do jornalismo tradicional, visões menos óbvias e até mais esclarecedoras, isso ocorre porque há nesse espaço mais liberdade. Analisar o discurso a partir dessa diferenciação de linguagem faz-se necessário também.

Segundo Eni Orlandi (2007) "o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido". A autora explica sobre a relação entre sujeito e ideologia:

> O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que á língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia. (2007, p. 95-96)

Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para sujeitos. Outro ponto a ser analisado é o modo como a própria língua e história, elementos essenciais no processo de interpretação, são também elementos constituintes do discurso, e, portanto, não podem deixar de serem levados em consideração nessa busca pela composição do perfil dos cronistas.

Crônica, um gênero híbrido

É importante compreendermos mais sobre o gênero analisado antes de discutirmos os resultados contemplados. Para compreender como a crônica chegou ao jornalismo é necessário observar as modificações de fases do fazer jornalístico, nos séculos XIX e XX, como abordamos nos tópicos anteriores. A crônica chegou ao jornalismo com o sentido de relato histórico. "Trata-se do embrião da reportagem. Ou seja, uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo" (MELO, 2003, p. 149). Assim como o folhetim, a crônica surge no país como um espaço reservado semanalmente nos jornais para que poetas e ficcionistas registrassem o que aconteceu naquele período de tempo. Os mesmos autores de folhetins também atuavam

como cronistas desses jornais, exemplo disso são José de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto.

"Na fronteira entre jornalismo e literatura um exemplo ilustrativo é a crônica" (Borges, 2013, p. 257). Esse gênero narrativo e opinativo pode estar inserido na literatura, como crônica literária e, no jornalismo, como um hibridismo da crônica jornalística.

Com as mudanças do jornalismo no decorrer dos séculos, o gênero passa a ser mais moderno, assumindo a agilidade do jornalismo diário. A crônica que se pratica no Brasil a partir da década de 30, tem Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos como seus principais adeptos, os quais traziam uma continuação do gênero que Machado de Assis e José de Alencar sedimentaram no jornalismo brasileiro. (MELO, 2003).

Antes, dentro dos jornais havia uma tradição de "crônica política", crônica policial", "crônica esportiva", etc., que eram análises de determinados assuntos. Essas categorizações mudaram para a notícia, desqualificando a crônica como texto de um jornalismo informativo e objetivo, mas não extinguiu sua presença nesse texto hibridizado. De acordo com Coutinho (1986, p. 123), "a crônica, ligada à grande imprensa só vem aparecer no Brasil com feição que lhe é reconhecida hoje, nos meados do século XIX, quando os jornais evoluem para um tipo *sui generis* de empresa industrial" (itálico do autor).

Diante dessa nova realidade do jornalismo industrial, a crônica passa a trabalhar com informações apuradas e factuais, "mostrando a importância de visões mais cerceadas dos acontecimentos, quanto com um texto de feições eminentemente literárias" (Borges, 2013, p. 259). Para o pesquisador, a crônica se coloca em espaço diferente dentro do Jornalismo Literário, afinal ela consegue transitar do informativo ao ficcional, sem prestar contas dessa migração, pois ela é naturalmente mesclada. Sendo um gênero interdiscursivo, a crônica pode tomar para si os contratos de leitura do jornalismo, assim como pode estar na literatura, Borges sustenta que:

> a crônica é um discurso tão fugidio que, não raro, se confunde, chegando até mesmo a se misturar efetivamente, com outros tipos de enunciação. Isso pode acontecer com a reportagem. Em autores como João do Rio, a comunhão de crônica e relato jornalístico é tão intensa que a classificação não é unânime. Gênero essencialmente interdiscursivo, a crônica pode tomar para si os contratos de leitura do jornalismo, do mesmo modo como pode se abrigar na literatura (2013, p. 260).

Para Coutinho (1986) esse é um gênero altamente pessoal e o cronista é uma pessoa solitária em busca de comunicação. Para atingir esse objetivo, ele utiliza-se literariamente

desse meio vivo e insinuante que é a crônica. Ele também classifica o gênero em tipologias, sendo as seguintes: crônica narrativa, cujo eixo é a estória ou episódio; crônica metafísica são reflexões de cunho mais filosófico; crônica poema-em-prosa, de discurso lírico; crônica-comentário, como o próprio nome diz, trata de comentários sobre os fatos cotidianos; e crônica-informação, que divulga fatos, tecendo comentários sobre eles.

A categorização de crônica-informação é a que mais se encaixa em nossa pesquisa, pois queremos entender até que ponto esse gênero pode contribuir para o jornalismo diário, compreendendo de que forma consegue informar e formar opinião mesmo sendo uma mistura de "mentiras" e "verdades".

Resultados

Por meio desse projeto chegou-se ao perfil dos cronistas goianos através de tabela dos temas trabalhados por cada um durante o ano de 2013. A seguir o perfil narrativo desses cronistas e uma análise das ideologias que permeiam os discursos de cada um:

O rol de cronistas fixos de *O Popular* e que publicaram na coluna *Crônicas & Outras Histórias* em 2013 possui 11 nomes: Bariani Ortencio, Brasigóis Felício, Edival Lourenço, Flávio Paranhos, Gabriel Nascente, José Mendonça Teles, Luís Araújo Pereira, Luiz Spada, Maria Félix Bufáiçal, Maria José Silveira e Ursulino Leão. A partir de uma análise do estilo narrativo, das ideologias que permeiam os discursos e das escolhas temáticas de cada cronista foi possível traçar o perfil dos cronistas goianos, a saber:

O folclorista Bariani Ortêncio possui linguagem sucinta, rebuscada e tom pessoal e autoritário. Ele trabalha na maioria de seus textos com temas de cunho folclórico e é muito regionalista. O autor rememora histórias da infância e também retrata a vida de figuras que foram importantes na história de Goiás. Além disso, faz resenhas de livros e eventos que estavam acontecendo no Estado, muitos dos quais ele estava participando. Destaque na cultura goiana, seu trabalho é voltado para a valorização de aspectos folclóricos e populares, Tal bagagem cultural reflete-se em sua ficção, cuja temática é, na maioria das vezes, ligada a regionalismos e sabedoria popular. De suas 44 crônicas publicadas em 2013 em *O Popular*, tais temáticas são contempladas em 13 delas (30% do total), sendo, ao lado de suas rememorações (outras 13 crônicas, igualmente 30% do total), os tópicos que mais figuram em seus textos.

Já o filósofo e médico Flávio Paranhos não segue muito os critérios jornalísticos e utiliza uma linguagem mais técnica e filosófica, no entanto, por ser um intelectual que

escreve para um jornal voltado para o público A e B, encontra um público cativo para seus textos. Mesmo sendo profissional da área médica, o autor tem fortes laços com as Humanidades, tendo grande apreço pela Filosofia, que é a área em que tem mestrado. Nas 25 crônicas publicadas ao longo do ano supracitado, o autor emite sinais de que suas vivências pessoais e sua bagagem cultural refletem em seus textos. Em suas crônicas, ele aborda oito vezes temas filosóficos (mais de 30% do total). Em seis oportunidades, Paranhos discorre sobre medicina (cerca de 25% do total) e em outras cinco se debruça sobre tópicos culturais (20% do total), com especial ênfase aos seus gostos estéticos próprios.

Maria Lúcia Felix Bufáiçal tem uma visão ampla, traz temas e olhares diversificados e tem um primor maior na linguagem. Textos de leitura agradável e com teor mais reflexivo. É a autora que mais publicou em 2013 na seção *Crônicas & Outras Estórias*, totalizando 50 textos no período. Com prosa refinada e acessível, Maria Félix consegue ficar mais próxima do público por meio de seus temas preferidos, com destaque para os que tratam da sociedade, da política e do cotidiano, que somam 24 crônicas (quase 48% do total). Seus textos estabelecem para a autora uma paratopia diversificada, alicerçada nas bases da cultura, da reflexão e da familiaridade com o mundo das letras e das artes. Isso fica exposto nos 18 textos (39% do total) dedicados a divagações acerca de vários temas.

Se pensarmos na formação pessoal da autora e em seu estilo, compreenderemos o porquê de sua preocupação com temas sociais e de cunho político. Maria Lúcia é historiadora, já lecionou na Universidade Federal de Goiás, é filha do escritor Afonso Félix de Sousa. Desde a infância teve contato com os meios acadêmicos e intelectuais.

Cada autor traz consigo vivências e um perfil estilístico que explica a atenção para determinados temas e outros não. Edival Lourenço escreveu 47 crônicas em 2013, das quais 24 são textos reflexivos, ou seja, mais de 50% do total. Seu olhar mais crítico se expressa nas 15 crônicas (cerca de 30% do total) em que toma os temas sociais como assunto. Já os textos de caráter mais ficcional somam 8 (ou quase 20% do total), sendo a terceira vertente preferida do autor. O autor é professor, historiador, autor de ficção, poeta e atualmente preside a seção goiana da União Brasileira de Escritores (UBE). Também teve experiências na área do jornalismo, trabalhando como redator e revisor. Tais vivências são refletidas no modo como seus discursos são elaborados.

Gabriel Nascente traz temas cotidianos. Relembrando que o autor tem interesse em entrar na Academia Brasileira de Letras (ABL) e que isso é tema gerador de algumas de

suas crônicas. Menções a personalidades da área cultural – sobretudo a literária – ocupam 14 de suas 45 crônicas. Somam-se a isso outras 8 (quase 20% do total) de resenhas, deixando evidente a política de "boa vizinhança" que o escritor empreende com os pares e colegas no espaço de que dispõe. Como autor, ele também investe em temas reflexivos – 9 textos ou 20% do total – e em assuntos ligados à sociedade como um todo – 7 textos ou pouco mais de 15% do total.

Se pensarmos em seu perfil, podemos defini-lo como uma personalidade conhecida na cultura goiana. É escritor, tendo publicado mais de 50 livros, sendo eles, em sua maioria, de poesia. O escritor também é jornalista e na crônica que publicou com o tema violência, ele retratou um assalto, onde um jovem de 22 anos foi morto a facadas a troco de sete reais. Nesse sentido, o autor, que é funcionário do Tribunal de Justiça de Goiás, busca em filosofias indagações para tratar da impunidade da justiça brasileira. Sua linguagem e o fato de trazer para a crônica um acontecimento atual refletem suas vivências como jornalista e suas ideologias pessoais. A crônica dá essa liberdade aos autores para que construam seus textos a partir de suas experiências e depositando suas opiniões.

José Mendonça Teles trabalha temas reflexivos e rememorações. Durante 2013 publicou 22 crônicas. Seu olhar é marcadamente voltado para as memórias, que totalizam 10 textos, ou 45% do total das crônicas. Já as reflexões somam 8 (ou quase 40% do total). O escritor é historiador, trabalhou na imprensa, é autor do livro sobre o primeiro jornal de Goiás, *Matutina Meiapontense*, chamado *A Imprensa Matutina*. O autor também já foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, demostra ser religioso e retrata memórias de sua infância em Hidrolândia, fala muito sobre pessoas que passaram em sua vida e a marcaram em algum aspecto.

Brasigóis Felício devido o fato de possuir pousada em Rio Grande do Norte, trabalha temas sobre o Nordeste. Também possui textos reflexivos. Utiliza-se de linguagem rebuscada e ironia em seus textos. No decorrer de 2013, Brasigóis escreveu 45 crônicas em *O Popular*. No conjunto de seus textos, o que podemos chamar de reflexões (que unem a veia de poeta com sua visão mais crítica do mundo) perfazem 20 crônicas, ou cerca de 45% do total. Em seguida vêm seus comentários sobre questões sociais e política, com 18 crônicas, ou 40% do total das publicadas.

Brasigóis é jornalista, já trabalhou no jornal *O Popular* e, além disso, ocupa a cadeira 25 da Academia Goiana de Letras. O autor, que é muito irônico e crítico em suas composições, retrata questões políticas, guerras provenientes de fanatismo religioso e

preconceito. Por ser jornalista, fica nítida sua naturalidade em lidar com assuntos que estão em voga no noticiário.

Maria José Silveira também trata de temas bastante sociais e políticos, demonstrando visão ampla e crítica sobre tais assuntos. Sua formação e vivência na área da Comunicação evidenciam-se na quantidade de trabalhos em que trata de temas sociais e políticos. Eles somam 10 crônicas (40% do total), seguidos por reflexões (8 no total, pouco mais de 30% do total), em que mescla questões atuais e seu lado ficcionista. Isso se reflete pelo fato da escritora ser também jornalista e ter sua formação pessoal muito consolidada na área de Ciências Sociais e na área política. Foi fundadora da Editora Marco Zero, nos anos 1970, a qual ficou muito conhecida por publicar obras ligadas ao campo ideológico da esquerda. Sua família tem histórico na carreira política e ela reflete suas vivências em seus textos. Sua linguagem é acessível e trabalha com temas de cunho social e político.

Luiz Spada pratica uma espécie de jornalismo gonzo, sempre trazendo temas que partem de suas vivências. Temas populares, o que difere do público-alvo do veículo. No objeto de nosso estudo, ele publicou 23 textos nas páginas de *O Popular*, dos quais 15 textos versam sobre o cotidiano e temas ligados à sociedade (cerca de 65% do total). O autor tem mais de 35 anos de experiência como jornalista, já ocupou cargos tanto de editor quanto de repórter nas redações dos jornais *O Popular* e *Diário da Manhã*. Em suas publicações fica explícita sua observação do dia-a-dia, a urbanidade das ruas, das pessoas e de seus comportamentos, de assuntos pelos quais o jornalista demostra interesse.

Ursulino Leão traz em seus textos temas políticos e crônicas sobre a cidade. Publicou 24 textos na coluna *Crônicas & Outras Histórias* do jornal *O Popular* em 2013. Temas ligados a questões sociais e políticas somam 6 crônicas, ou 25% do total. O mesmo número é observado quanto à temática da religião. A outra metade de suas crônicas é dedicada a uma série de reflexões (12 textos) em que a avançada idade (90 anos) e a vivência em diversas áreas lhe dão a autoridade para discorrer acerca de lembranças.

Esse cronista teve destacada carreira política. É advogado, foi eleito deputado estadual em Goiás em duas legislaturas, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Além disso, foi vice-governador do Estado no mandato de Leonino Caiado nos anos 1970 e chegou a ocupar o cargo interinamente. Sua filiação ideológica situa-se no campo da direita, o que fica claro nas opiniões políticas que expressa.

Luís Araújo Pereira se atém a temas mais abstratos e linguagem mais literária. Em todo o ano de 2013, ele publicou 15 textos. Ao todo, produz 7 crônicas de gênero ficcional,

ou quase 50% do total. As reflexões e as memórias somam outros 5 textos, o que equivalem a 33% do total das publicações. Luís foi professor na área de Letras da Universidade Federal de Goiás, fez mestrado na França, onde morou alguns anos. Dessa época para os dias de hoje, trouxe a influência de escritores e ensaístas e assumiu sua paixão por literatura.

Abaixo uma tabela com dados quantitativos por autor, além de dados quantitativos a respeito das temáticas escolhidas por cada um:

Total de crônicas da coluna Crônicas & Outras Histórias (Ano 2013)		
Autor	Quantidade de Crônicas	Temáticas
1. Maria Lúcia Félix Bufáiçal	50 crônicas	Sociedade e política 21 Reflexões 18 Cotidiano 05 Resenha 03 Personalidades importantes 02 Memórias 01
2. Edival Lourenço	47 crônicas	Reflexões 24 Sociedade 15 Ficções 08
3. Brasigóis Felício	46 crônicas	Reflexões 21 Sociedade e política 18 Meio Ambiente 03 Cultura 04
4. Gabriel Nascente	45 crônicas	Personalidades Importantes 14 Reflexões 09 Resenhas 08 Sociedade 07 Rio de Janeiro 05 Bosque dos Buritis 01 JMJ 01
5. Bariani Ortêncio	43 crônicas	Memórias 13 Resenhas 11 Bosque dos Buritis 05

		Folclore 05 Política municipal 04 Ficções 03 Convites 02
6. Flávio Paranhos	25 crônicas	Filosofia 08 Medicina 06 Cultura 05 Sociedade 05 Memórias 01
7. Maria José Silveira	25 crônicas	Sociedade e política 10 Reflexões 08 Ficção 04 Convite 02 Cultura 01
8. Ursulino Leão	24 crônicas	Reflexões 12 Religião 06 Sociedade e política 06
9. Luiz Spada	23 crônicas	Cotidiano 11 Reflexões 06 Sociedade 04 Ficção 01 JMJ 01
10. José Mendonça Teles	22 crônicas	Memórias 10 Reflexões 08 Poesia 02 Sociedade 02
11. Luís Araújo Pereira	15 crônicas	Ficção 07 Reflexões 03 Memórias 02 Sociedade 02 Cultura 01

Considerações Finais

A partir da análise das 365 crônicas do ano 2013 do jornal *O Popular* a perspectiva de Michel Foucault (2007) a respeito da crônica se ratifica. De acordo com Foucault para entender melhor a significação de um discurso é preciso levar em conta sua arqueologia, saber que circunstâncias levaram a enunciação a se configurar como ela se apresenta. O gênero não pode ser tomado como blocos de imobilidade, pois a crônica por si só apresenta liberdade de construção de discurso. São justamente essas circunstâncias, especialmente a autoria e paratopia, que possibilitaram o reconhecimento das características mais marcantes da crônica em Goiás.

Segundo Massaud Moisés (1999) a crônica pode ser considerada um relato de acontecimentos de interesse histórico ou um comentário em jornal ou revista que trabalhe fatos reais ou imaginários. Já Borges (2012) destaca o caráter hibrido do gênero. "Formada a partir de outras duas matrizes discursivas principais - literária e jornalística - a crônica funda-se e desenvolve-se, constituindo-se um discurso independente e específico". A escolha por temáticas sociais e políticas e enquadradas em critérios de noticiabilidade levou muitos textos a serem considerados jornalísticos, ao passo que o estilo da escrita e a opção por fatos imaginários levou muitos textos a serem considerados literários. Um fato curioso é que todos os onze cronistas que escrevem para a seção *Crônicas & Outras Histórias* transitaram entre o gênero jornalístico e o literário. Mesmo aqueles que têm formação no jornalismo em algum momento optaram pela crônica enquanto gênero literário.

Ao comparar os cronistas goianos com os grandes nomes da crônica brasileira percebe-se algumas regularidades e discrepâncias. Assim como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, cronistas como Brasigóis Felício, Luiz Spada e Maria José Silveira usam e abusam da criticidade para comentar fatos cotidianos. No entanto, diferente de Rubem Braga e Luis Fernando Verissimo o humor não é uma ferramenta muito usada pelos cronistas goianos. Pelo contrário, por meio dos textos de Maria Lúcia Félix Bufáiçal e Gabriel Nascente a crônica goiana assume um ar muito mais poético do que humorístico.

Outra característica marcante é a legitimação do discurso pela função da autoridade dos cronistas. Segundo Dominique Maingueneau "o comportamento dos sujeitos com relação a um discurso é função da *autoridade* de seu enunciador, da legitimidade atribuída ao status que lhe é reconhecido" (Maingueneau, 2000). Ao analisar se um fato é verossímil ou não, o leitor leva em consideração as condições do dito (e por que não do não-dito também?), ou seja, há um contexto, uma autoria que legitima o discurso.

Boa parte dos cronistas são membros da Academia Goiana de Letras (AGL), como Gabriel Nascente, Bariani Ortêncio, Brasigóis Felício e Edival Lourenço; outros são escritores, é o caso de José Mendonça Teles, Maria José Silveira e Maria Lúcia Felix Bufáiçal, Ursulino Leão, já teve atuação política, outros têm grande renome na sua área de atuação, como é o caso do médico Flávio Paranhos.

A partir de tais "lugares de fala" é possível identificar o posicionamento de quem enuncia. É possível também perceber que os autores das crônicas são vistos como autoridades pelos co-enunciadores justamente pela posição que ocupam.

A arqueologia, as formações discursivas se dão a partir da identidade de cada autor, e tal identidade também define o estilo narrativo e as escolhas temáticas de cada cronista. Aqui fica clara a importância da autoria e paratopia enquanto elementos da formação discursiva. Para entender melhor a significação do gênero crônica e sua formação discursiva, é importante levarmos em consideração sua arqueologia, que Foucault (2007) sinaliza como as origens do discurso, seu encontro com o passado, com sua história. Isso auxilia a compreensão da significação da crônica, ao passo que o gênero está inserido em uma junção entre dois discursos, com cada um deles carregando uma gama de significações e formações discursivas distintas.

Os autores trazem temas muitos regionais (Traquina, 2005), o que denota a proximidade como critério de noticiabilidade presente em tais crônicas. É interessante notar também a combinação entre o critério de proximidade e notoriedade, ou seja, crônicas que falam sobre pessoas importantes no contexto goiano.

Foi possível perceber uma diversidade de temas e estilos nas crônicas, o que ratifica a percepção de Borges (2012): "A crônica é híbrida, uma mescla, mistura de fontes e características que não a ancoram no sentido de tolher seus movimentos. A crônica é autônoma para circular entre discursos que parecem díspares; ela é híbrida".

A maioria dos autores utilizou a crônica como espaço de opinião, e Bariani Ortêncio usou esse espaço constantemente não apenas para opinar, mas para exercer sua influência claramente. Flávio Paranhos, o estranho no ninho, apresenta textos mais intelectuais, pois muitas vezes ele trata de assuntos específicos de suas duas áreas: medicina e filosofia. Em autores como Bariani Ortêncio pode-se perceber uma carga subjetiva e em todos é notado o resgate de vivências cotidianas como insumo para os textos.

Por fim, a diversidade de estilos e temáticas, uma consequência da diversidade de identidades dos cronistas, evidencia a diferença entre sujeito e autor. "O sujeito, diríamos,

está para o discurso assim como o autor está para o texto" (Orlandi, 2007). Sendo o discurso efeito de sentido entre locutores e o texto uma unidade que podemos representar empiricamente por possuir uma superfície linguística fechada nela mesma, o sujeito é o resultado da interpelação do individuo pela ideologia e o autor é uma função específica do sujeito. "O autor é o lugar em que se constrói a unidade do sujeito" (Orlandi, 2007). Tal conversão do sujeito em autor se dá por meio da articulação entre o real e o imaginário, o discurso e o texto, o sujeito e o autor. Dado que o real do discurso é a descontinuidade, e já o texto possui unidade, isso em nível de representações, ou seja, partindo do imaginário, chegar a uma compreensão mais ampla do que o autor nos fala é compreender qual a função-autor daquele sujeito que fala, em outras palavras, como a unidade (texto) se situa na dispersão (discurso).

Partindo dessa definição de autoria como função do sujeito, a distinção de locutor e enunciador estabelecida por Ducrot retorna com ainda mais força. O locutor se representa com eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume. A dimensão do sujeito como enunciador é a mais determinada pela exterioridade – contexto sócio-histórico – e, portanto, a mais afetada pelo contato com o social e com as coerções. Enquanto o sujeito é opaco e seu discurso não é transparente, o texto deve ser coerente e seu autor deve ser visível, colocando-se na origem do dizer. A dimensão do sujeito como enunciador é extremamente necessária para a legitimação do discurso contido nas crônicas do jornal *O Popular*.

Quanto às ideologias presentes nos discursos de cada cronista, o que se pode perceber é que, tal como explica Orlandi (2007), há uma naturalização da relação do histórico e simbólico por meio do mecanismo ideológico, naturalização essa que muitas vezes ocorre em maior medida neste gênero justamente pelo fato da crônica ser um espaço de trânsito entre o jornalismo e a literatura, e portanto haver uma maior liberdade lúdica e imaginativa. Em outras palavras, há um apagamento da interpretação, constroem-se transparências, "como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas" (Orlandi, 2007). Quando na realidade, todos os 11 cronistas que compõem a coluna *Crônicas & Outras Histórias* expressam, em maiores ou menores proporções, suas crenças ideológicas, seja a partir de suas escolhas temáticas, seja a partir dos discursos empregados em seus textos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Rogério. *Jornalismo Literário*: Teoria e Análise. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

BORGES, Rogério. *Crônica como interdiscurso*: formações de um gênero hibrido. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell. *O jornal*: da forma ao sentido. 2 ed. Brasília: UnB, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso.* Contexto: São Paulo, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2007a.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1999.
_____. *Termos-chave da análise do discurso*. UFMG: Belo Horizonte, 2000.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Pontes: Campinas, 2007.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 2000.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, Ed. 2, 2005: Porque as notícias são como são.

VERON, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. Unisinos: São Leopoldo, 2005.